

1

Veículo 0 Nacional		Data 02/02/08		Quadrante
Página 15	Fonte Citada <input type="checkbox"/> Sem citação	<input type="checkbox"/> Dirigente <input type="checkbox"/> Chefe	<input checked="" type="checkbox"/> Pesquisador <input type="checkbox"/> Outros empregados	
Composição gráfica <input type="checkbox"/> Somente texto		<input checked="" type="checkbox"/> 02 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 03 elementos gráficos	<input type="checkbox"/> 04 elementos <input type="checkbox"/> 05 ou mais elementos	Presença do nome <input type="checkbox"/> Capa <input type="checkbox"/> Citação <input type="checkbox"/> Manchete <input checked="" type="checkbox"/> Destaque no Texto <input type="checkbox"/> Título <input type="checkbox"/> Rodapé/Legenda
Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Artigo <input type="checkbox"/> Crônica <input type="checkbox"/> Editorial		<input type="checkbox"/> Entrevista <input type="checkbox"/> Carta ao Leitor	<input type="checkbox"/> Nota Informativa <input type="checkbox"/> Nota Opinativa <input type="checkbox"/> Reportagem	

A batalha das "logias"



Gilberto Cunha
 Chefe-geral da Embrapa Trigo, pesquisador do CNPq e membro da Academia Passo-Fundense de Letras

S T Q Q S (S)

O nosso conhecimento de mundo tem limites (melhor seria dizer contornos). Isso posto por um dirigente (meu caso) de uma instituição de ciência, tecnologia e inovação (caso da Embrapa Trigo) poderia aparentar um certo pessimismo com os alcances do conhecimento científico ou ignorância sobre os novos avanços da ciência. Não é nada disso. Simplesmente é a expressão de uma consciência formada sobre a complexidade dos sistemas vivos (caso dos sistemas agrícolas, por exemplo) e sociais, em que, a despeito de tudo que evoluímos, muitos questionamentos científicos e filosóficos ainda continuam (e continuarão) inseridos dentro de uma compreensão humana limitada. Não se trata de reviver o argumento do "fim da ciência". Tampouco que, pelo muito que avançamos, não há mais espaço para novos progressos (uma glorificação do presente). O centro da questão é que, independente da complexidade de qualquer sistema, o nosso conhecimento estará sempre dentro de um contexto histórico definido.

A maior evolução na nossa

compreensão dos mesmos se deu com o uso de ferramentas de modelagem e simulação matemáticas. Contudo, devemos ser "cuidadosos" sobre os chamados ganhos de conhecimento com o uso destes modelos. Muitos destes modelos acabam sendo quase tão complexos quanto o objeto modelado. E isso dificulta nossa compreensão. Para se extrair conhecimento destes modelos complexos há necessidade de interpretação, e "interpretar" sempre envolve redução de complexidade. Não estou afirmando que é impossível conhecer um sistema complexo, mas, sim que, mesmo valendo-se das mais modernas ferramentas computacionais, ainda não podemos conhecer o mundo na sua complexidade total. De fato, estou revivendo a antiga batalha filosófica entre a Ontologia e a Epistemologia, quando se trata de confrontar o mundo real e a descrição que fazemos dele.

A Epistemologia (a par da sua definição acadêmica formal) tem a ver com o jeito com que compreendemos e descrevemos o mundo. E a Ontologia com o jeito que o mundo é. Desta forma, não pode causar surpresa a ninguém quan-



Veículo 0 Macronal		Data 02/02/08	Quadrante
Página 15	Fonte Citada <input type="checkbox"/> Sem citação	<input type="checkbox"/> Dirigente <input type="checkbox"/> Chefe <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisador <input type="checkbox"/> Outros empregados	
Composição gráfica <input type="checkbox"/> Somente texto		<input type="checkbox"/> 02 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 03 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 04 elementos <input type="checkbox"/> 05 ou mais elementos	Presença do nome <input type="checkbox"/> Capa <input type="checkbox"/> Manchete <input type="checkbox"/> Título <input type="checkbox"/> Citação <input type="checkbox"/> Destaque no Texto <input type="checkbox"/> Rodapé/Legenda
Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Artigo <input type="checkbox"/> Crônica <input type="checkbox"/> Editorial		<input type="checkbox"/> Entrevista <input type="checkbox"/> Carta ao Leitor <input type="checkbox"/> Nota Informativa <input type="checkbox"/> Nota Opinativa	<input type="checkbox"/> Notícia <input type="checkbox"/> Reportagem

do nos referirmos à "complexidade epistemológica", no tocante o quão complexas são as nossas descrições de mundo, ou a "complexidade ontológica", em cujo contexto se insere o quão complexas as coisas realmente são. Mas, de fato, talvez o mundo não seja complexo. Ele é do jeito que é (nada mais que isso). Complexa é a interpretação que fazemos dele. Portanto, complexidade é uma questão meramente epistemológica.

É importante aceitarmos que os sistemas complexos são complexos, em essência, na sua descrição. Pois, sendo assim, há espaço para descrições alternativas. E esse é exatamente o trabalho da ciência: buscar redescrições mais simples e melhores do mundo; mesmo conscientes que há apenas um mundo e muitas formas de descrevê-lo.

No mundo real, talvez não seja possível a distinção entre questões ontológicas e epistemológicas. O importante é reconhecer que nossas descrições de mundo não são perfeitas. E mais: quando buscamos entender o mundo, vamos lidar simultaneamente com questões ontológicas e epistemológicas. E é daí que advém a grande

dúvida: se ontologia e epistemologia não podem ser separadas na prática, que vem a ser o que chamamos de conhecimento? Conhecimento virou uma palavra do dia-a-dia. Fala-se em "era do conhecimento", "indústria do conhecimento", "trabalhadores do conhecimento" e "gestão do conhecimento", por exemplo.

Trata-se conhecimento como se fosse uma mercadoria, em que se separa o sujeito conhecedor do objeto conhecido. Conhecimento (seja tácito ou explícito) é algo intangível, não podendo ser confundido com dado ou informação. O que se entende (ou se deveria entender) por conhecimento é o resultado de um processo de interpretação historicamente contextualizado.

Não podemos entender o mundo em toda a sua complexidade. Para gerar conhecimento, a comunidade científica, tem que simplificar com aproximações da realidade (reduzir complexidade). E quando não conseguimos mais dilatar os limites da nossa compreensão epistemológica, para lidar com a nossa ignorância, não é de ciência que precisamos: é de ética.